

Rogério Zaim-de-Melo*

Luís Bruno de Godoy**

O Circo vai à Periferia

Circus goes to the Outskirts

RESUMO

Com o objetivo de relatar uma das ações de um projeto de extensão que propiciou o encontro entre crianças de quatro escolas municipais, duas localizadas em bairros periféricos e duas localizadas nas áreas alagadas do Pantanal^{li}, na cidade de Corumbá, MS e um espetáculo de circo. As ações foram realizadas durante o segundo semestre de 2023. Foi criado e realizado um espetáculo de variedades, que incluiu acrobacias, malabarismos, números de equilíbrio e números cômicos, a partir de gags próximas as desenvolvidas ao circo tradicional. Nas escolas de áreas alagadas, o transporte de barco e o ambiente pantaneiro criam uma experiência única e inesquecível para as crianças. Após as apresentações, foram aplicados questionários e foi feito um pedido para que as crianças desenhassem a partir da experiência que acabaram de ter. Nas escolas urbanas, as crianças têm demonstrado preferência pelas gags como "abelha abelhinha" e duetos acrobáticos, refletindo seu fascínio pela comédia e pela força física. Por sua vez, nas escolas das águas, todos os números foram retratados nos desenhos, não havendo a predominância de apenas um, como no caso anterior. Os resultados mostram que a experiência circense proporcionou uma aprendizagem que teve as crianças como protagonistas, estimulando a imaginação e criatividade. O projeto demonstra a importância do circo como ferramenta educativa e cultural, capaz de criar memórias duradouras e enriquecer o desenvolvimento cultural e emocional das crianças. A arte circense, evoca o imaginário simbólico, social, e revela-se como uma aliada da educação, fortalecendo laços entre o circo e a infância, mesmo em contextos desfavoráveis, superando barreiras socioeconômicas e proporcionando experiências significativas, reafirmando o seu valor cultural e educativo.

Palavras-chave: Arte circense; Infância; Projeto de extensão; Educação; Pantanal.

ABSTRACT

The aim is to report on one of the actions of an extension project that brought together children from four municipal schools, two located in outlying neighborhoods and two located in the Pantanal wetlands, in the city of Corumbá, MS, and a circus show. The actions took place during the second semester of 2023. A variety show was created and performed, which included acrobatics, juggling, balancing acts and comic numbers, based on gags similar to those developed in the traditional circus. In schools in flooded areas, transportation by boat and the Pantanal environment create a unique and unforgettable experience for the children. After the performances, questionnaires were administered, and the children were asked to draw pictures based on the experience they had just had. In urban schools, the children have shown a preference for gags such as "abelha, abelhinha" and acrobatic duets, reflecting their fascination with comedy and physical strength. In the water schools, however, all the acts were portrayed in the drawings, and there was no predominance of just one, as in the previous case. The results show that the circus experience provided learning that had the children as protagonists, stimulating their imagination and creativity. The project demonstrates the importance of the circus as an educational and cultural tool, capable of creating lasting memories and enriching children's cultural and emotional development. Circus art evokes symbolic and social imagery and proves to be an ally of education, strengthening links between circus and childhood, even in unfavorable contexts, overcoming socio-economic barriers and providing meaningful experiences, reaffirming its cultural and educational value.

Keywords: Circus art; Childhood; Extension project; Education; Pantanal.

RESPEITÁVEL PÚBLICO

*Minha cidade amanheceu risonha
Chegou o circo, está a anunciar,
Grita o palhaço da perna de pau,
Minha gente acorda para ouvir cantar.
[...]quanta alegria. Foi armado o circo!
Está em festa o largo da matriz.
Em volta dele corre a meninada,
E eu brincando junto também sou feliz.
(Cascatinha e Inhama)*

Ainda hoje, talvez não com o mesmo glamour, assim como diz a música de Cascatinha e Inhama, a chegada de um Circo Itinerante de lona em uma cidade, arremete a possibilidade de um riso fácil, provocado pela atuação dos palhaços, admiração pelos múltiplos objetos lançados por um malabarista, que desafia a gravidade, ou a um frio na barriga com as peripécias acrobáticas realizadas no ar ou no solo, nas quais para a plateia o impossível, se torna possível.

Mas não é apenas debaixo de um lona cercado pelo nomadismo que vive o circo. Hoje encontramos a arte circense em teatros, em arenas, nas praças, nos ginásios, em galpões, em shoppings, em festas raves, nos rodeios, em desfiles de carnaval, em aniversários e até em casamentos (Silva, 2011), também podemos encontrar as manifestações artísticas circenses no chamado circo de rua (Barreto, 2018). Segundo Silva (2011, p. 14) [...] “não há praticamente, hoje, nenhum evento e espaço em qualquer município, independentemente do tamanho, onde não se veja uma pessoa desempenhando uma atividade artística circense”.

Um espetáculo de circo sempre nos transporta para um mundo imaginário, que, apesar de não ser real, é profundamente vívido, repleto de seres que podem “voar”, de [...] “acrobacias insólitas que invadem nossos sentidos, pensamentos e corpos” (Rocha, 2016, p. 2019). Os artistas utilizam os seus corpos como ferramenta para levar a plateia a acreditar que o impossível se torna possível.

Quem é o público que mais aproveita o espetáculo de circo? O adulto? O adolescente? A criança? No Brasil tem uma associação, que já está enraizada, entre o circo e a criança, representada em filmes, novelas¹, programas de televisão e músicas², etc. (Rocha, 2012). Segundo o autor, no meio circense existe uma fala atribuída a Orlando Orfei: “Enquanto houver uma criança no mundo, o circo viverá!”.

Para compreender essa associação circo/criança encontramos em Hochman (2021) uma explicação, o “impossível” realizado pelos artistas circenses nos espetáculos, leva a plateia a um questionamento, temos coragem e ousadia para tentar reproduzir os números apresentados, segundo o autor, são as crianças que, logo após o espetáculo, começam naturalmente a tentar reproduzir muitos dos feitos que acabaram de assistir. Em entrevista para Gilmar Rocha, o artista brasileiro Alfredo Caetano afirma:

Circo é uma coisa para criança, porque esse nome circo já desperta uma curiosidade na criança, porque o circo é o cinema, é o teatro, é a luz, é música, é arte da perfeição, é o zoológico, o circo é fantasia. É tudo que se envolve a mente da criança. ‘Eu quero brincar de gangorra, tem gangorra’; ‘quero brincar de trapézio, tem trapézio’. Tem palhaço, tem cachorro, tem elefante... então o circo é isso. Acho que quando surgiu a palavra ‘circo’, já foi trazendo a fantasia da criança. Tudo que a criança quer descobrir, quer ver, tem no circo (Rocha, 2012, p. 75).

Diante dessa associação criança e circo, seria possível presumir que todas as crianças gostam do circo, seria como uma grandeza diretamente proporcional, se estivéssemos falando em termos matemáticos. Existe também uma presunção de que quase todos seres humanos já foram a um circo. Para Bolognesi (2001) algum momento da vida, quer seja quando criança, ou como o autor coloca “anteontem”, a maioria dos homens e mulheres tenham entrado em um circo para assistir a um espetáculo. É também possível supor que essa

¹ Na novela Chocolate com Pimenta, exibida pela Rede Globo em 2004, havia um circo na trama, todas as vezes que as ações aconteciam no espetáculo circense, o texto utilizado se remetia as crianças.

² Em 2004, a apresentadora Xuxa Meneghel, lançou o álbum de vídeo, Xuxa Só Para Baixinhos 5, que ficou conhecido como Xuxa Circo, com músicas e figurinos que lembravam o universo do circo.

experiência possa ter provocado um certo fascínio, ainda presente em nossas memórias.

Mas essa ideia não é real, encontramos hoje em dia crianças que nunca entraram em um circo ou assistiram a um espetáculo circense (Zaim-de-Melo et al, 2021), grande parte em função da diminuição significativa de circos itinerantes de lona no nosso país, do baixo poder aquisitivo³ para assistir um espetáculo, e/ou da distância entre sua casa e o local no qual o circo foi instalado. Essas poderiam ser incluídas nessa associação – criança gosta de circo? Como seria o encontro entre essas crianças e o circo?

Diante desse contexto o presente artigo tem o objetivo de relatar uma das ações do projeto de extensão “O Circo vai a Escola”, mais precisamente, o encontro entre crianças de quatro escolas municipais, duas localizadas em bairros periféricos e duas localizadas nas áreas alagadas do Pantanal⁴, na cidade de Corumbá, MS e um espetáculo de circo.

QUE RUFEM OS TAMBORES

*Não
Não sei se é um truque banal
Se um invisível cordão
Sustenta a vida real
(Edu Lobo)*

O circo que nós falamos, é aquele que carrega um tipo de arte que transcende o mero entretenimento, sendo um espaço que evoca o simbólico e o imaginário social e cultural (Rocha, 2016). Um espetáculo circense, onde as emoções do público variam entre o suspense diante de um potencial fracasso

³ O último circo itinerante de lona que esteve em Corumbá tinha o seus ingressos com valores a partir de R\$ 25,00.

⁴ As escolas que ficam nas áreas alagadas da planície pantaneira são informalmente chamadas pela Secretaria de Educação de Corumbá de “Escolas das Águas” por se encontrarem em regiões de difícil acesso, quase sempre tendo um barco como principal meio de transporte para chegar a escola.

do acrobata e o riso revigorante provocado pelas piadas dos palhaços (Bolognesi, 2001).

Como já foi dito anteriormente em vários espaços podemos encontrar a arte circense, entretanto para esse projeto, optamos por realizar um espetáculo semelhante aos realizados em circos itinerantes de lona, com números diversos (Lopes, Silva, 2020), estrelados pelos acadêmicos-artistas, alunos da universidade que participam do Coletivo Los Pantaneiros.

Cada acadêmico (a) - artista foi responsável pela estruturação da sua apresentação, a escolha da modalidade, a música ser utilizada, os figurinos foram decididos por eles e, depois apresentados para o coletivo. Esse processo foi pautado na criatividade e na pesquisa, compreendendo que o seu corpo é a matéria prima do espetáculo (Bolognesi, 2001), era preciso conhecer os seus limites corporais para buscar o “possível” e, assim apresentar para as crianças, o “impossível”. Assim, com tentativas e erros os números foram surgindo.

Para esse processo de criação fosse possível são realizados na UFMS, semanalmente dois encontros com duração de duas horas. Esses encontros fazem parte de uma ação de extensão que prioriza o conhecimento e vivência de atividades circenses pelos acadêmicos, visando auxiliar na formação do futuro professor que vai trabalhar na educação básica. A ação é dividida em duas fases (primeiro e segundo semestre): no primeiro semestre, as duas horas de duração são ocupadas da seguinte maneira: primeiramente são realizados alongamentos, exercícios de consciência corporal e acrobacias individuais e em grupo. Depois, são introduzidas diversas modalidades circenses (malabarismo, equilíbrio – de objetos e sobre objetos, acrobacias aéreas – tecido e lira, antipodismo e acrobacias realizadas com minitrampolim). No segundo semestre, a estrutura é semelhante, o que diferindo é a segunda etapa, os (as) acadêmicos(as) se direcionam às modalidades que adquiriram mais afinidade, realizando uma espécie de treinamento mais específico.

Nos números que foram criados foram abordadas diversas modalidades circenses (Figura 1) – acrobacia de solo, em um duo acrobático,

realizado com duas duplas de portôs⁵ e volantes; números cômicos: valsa dos palhaços⁶ (ao som da valsa vienense Danúbio Azul, os palhaços fazem uma parodia com o balé), “A domadora e o leão”, uma sátira ao tempo em que era permitido a doma de animais nos circos e a reprise clássica “abelha, abelhinha”⁷; manipulação de objetos: com *swing flag* (número com vários tipos de *flag* – triplo *big rainbow*, quadrado e triangular), bambolês, lenços e bolinhas; equilíbrio: sobre um objeto - rola-rola e de objeto: pratos chinês;

Figura 1 – Números criados.



Fonte: acervo do autor (2023)

⁵ Artista cuja constituição física é mais avantajada, tem a função é a de apoiar, equilibrar e impulsionar o volante em exibições aéreas e de solo.

⁶ Inspirados em uma apresentação apresentada pelos artistas circenses Bemfox e Otávio Arms na comemoração de 41 anos da Escola Nacional de Circo Luís Olimecha.

⁷ Reprise clássica em apresentações de palhaços, extraída do livro “Palhaços” (Bolognesi, 2003).

O ESPETÁCULO VAI COMEÇAR

*Vai, vai, vai começar a brincadeira
Tem charanga tocando a noite inteira
Vem, vem, vem ver o circo de verdade
Tem, tem, tem picadeiro de qualidade
(Sidney Miller)*

As apresentações circenses aconteceram entre os meses de outubro e novembro de 2023. Para a escolha das escolas urbanas foram adotados os seguintes critérios: ser pública; estar distante da região central da cidade e aproximadamente 80% das crianças das escolas nunca terem assistido a um espetáculo circense. Para chegar a esse número, o professor de artes fez a seguinte pergunta para as turmas da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental: “Vocês já foram a um circo”? Cinco escolas demonstraram interesse no projeto, mas em três delas 30% das crianças já tinham ido ou visto um espetáculo de circo. Já as escolas que ficam na planície alagada foram escolhidas por conveniência, uma vez que todas se enquadram nos critérios, as próximas da cidade, pois o transporte para esses locais é muito oneroso.

Para a realização dos espetáculos nas escolas da cidade, a trupe foi composta por 20 acadêmicos (10 artistas e 10 *staffs*) e 02 artistas convidados. Criou-se uma rotina, nos dias anteriores a apresentação, os materiais que seriam utilizados foram separados: tatames (que serviriam de picadeiro), rola rola, bolinhas de malabares, lenços, bambolês e caixa de som. No dia seguinte, todos os acadêmicos carregavam o material em um micro-ônibus e, após, os “artistas” iniciavam o processo de maquiagem e vestir os figurinos.

Chegando na escola, o picadeiro era preparado. Ao som de “Piruetas”, composição de Chico Buarque, os acadêmicos-artistas passaram de sala em sala convidando as crianças para o espetáculo, juntos, eles faziam um cortejo até a área da apresentação.

O aquecimento do espetáculo foi realizado pelos palhaços que ao som de “Só love”, canção de Claudinho e Buchecha, convidavam para uma grande

feira. O Mestre de Pista retira os palhaços do picadeiro e inicia o programa, saudando as crianças e fazendo alguns combinados:

Senhoras e senhores! Criancinhas e crianças! Caldeirões e caçarolas! Boa tarde! Não ouvi, vocês lancharam hoje? Boa Tarde!! Vocês gostam de Circo? Vocês já foram ao Circo? Nós, o coletivo circense “Los Pantaneiros” e a Escola de Circo Vivart, trazemos até vocês, o Circo do Xulé. Mas vamos combinar algumas coisinhas, quando eu fizer esse movimento com a mão (movimentando a palma da mão de baixo para cima), vocês devem fazer óhhhhh!!!, e com esse movimento (levantar e balançar as mãos), vocês irão aplaudir. Estamos combinados? Que o espetáculo seja iniciado (Mestre de Pista, Circo do Xulé).

Ao som da clássica música “*Entry of the gladiators*”, composição de Julius Fučík, o espetáculo efetivamente começava, todos os artistas faziam uma entrada, demonstrando um pouquinho do que seria a sua apresentação. O espetáculo teve a duração de 45 minutos, entre cada número, o Mestre de Pista comandava a plateia, pedindo as palmas e os Ohhhs. As apresentações mais aplaudidas foram o duo acrobático e a reprise “abelha, abelhinha”, o riso correu solto quando a abelha dava mel para o palhaço. Entretanto, outro número teve uma recepção interessante nas duas escolas, durante a apresentação do leão e a domadora, o leão finge atacar a plateia, nas duas escolas as crianças assustaram.

Após as apresentações os acadêmicos-artistas ficavam disponíveis para tirar fotografia com as crianças e, também responder as curiosidades delas. Nas duas escolas, mesmo estimuladas, as crianças pouco perguntaram, as poucas perguntas foram destinadas aos portos, elas queriam saber se era difícil levantar a volante, se era preciso ser muito forte, e quanto tempo de treinamento era necessário para eles conseguirem fazer igual aos artistas.

Nas Escolas das Águas, a rotina foi parcialmente semelhante, as principais mudanças foram o quantitativo de acadêmicos envolvidos, devido a necessidade do transporte ser um barco, aqueles que compunham o *staff* não puderam participar. Na primeira escola, o trabalho de vestimenta e a colocação da maquiagem foi realizada na própria escola, entretanto devido

ao seu tamanho, nenhuma criança percebeu que recebiam visitantes ilustres. Com a maquiagem e o figurino em seu devido lugar, foi iniciado o cortejo. Logo no início do espetáculo, quando o Mestre de Pista inicia sua conversa com as crianças e perguntou se alguém conhecia o circo, cinco alunos afirmaram que sim, e o Mestre perguntou de onde eles conheciam, e a resposta foi uníssona “daqui, quando vocês vieram da outra vez”. Essa escola, em 2019, tinha recebido um projeto semelhante, que levou apresentação de números e vivências de atividades circenses para seus alunos (Zaim-de-Melo et al., 2021; Zaim-de-Melo, Godoy, Santos Rodrigues, 2021).

A apresentação na segunda escola das águas, foi realizada no dia seguinte, e para essa a rotina da cidade foi mantida, maquiagem, figurino, materiais, etc. A única diferença foi que ao invés de pegar um micro-ônibus, os artistas-acadêmicos pegaram um barco. A chegada nessa escola foi marcada de expectativas, o picadeiro fora montado sob a sombra de uma frondosa mangueira e a proximidade com o Rio Paraguai, tornou o cenário ímpar, singular, o espetáculo tinha como pano de fundo o Pantanal e suas belezas.

Nas duas escolas, na parte final do espetáculo, quando o Mestre de Pista questionou as crianças sobre o que elas tinham assistidos, houve muito mais perguntas, as crianças estavam ávidas em compreender como as atividades eram feitas, fora as perguntas muitos ficaram encantados com os figurinos, pediam para passar a mão na parte brilhosa. Após as apresentações, em todas as escolas, as “tralhas” eram recolhidas, havia um certo cansaço no corpo, mais a certeza de que os objetivos previstos foram alcançados, centenas de crianças tiveram a primeira experiência com o circo, enchendo seu coração de alegria.

O SALTO MORTAL

*Eu sonho com o circo todo dia
Eu quero essa vida de emoção
Andar na corda e fazer estripulia
E depois rolar, cair no chão
(Marlene Querubim)*

A ida as escolas, além de levar a arte circense, teve outro objetivo, colocar a criança que assistia como protagonista, dividindo com os artistas-acadêmicos esse papel, sem o riso delas, sem as expressões de espanto, sem as palmas, o espetáculo não teria sentido.

Diante desse contexto e buscando escutar as crianças, pois é somente por meio de um processo de escuta efetivo que se estabelece o diálogo, as relações e interações tornando-se possível avaliar se o que foi pensado para a criança, alcançou seu objetivo. Nesse processo realizamos duas maneiras (uma para as escolas da cidade e outra para as Escolas das Águas) de verificar se elas tinham gostado ou não das apresentações, se a resposta fosse positiva, quais os números que eles mais gostaram e caso fosse negativa, quais foram as razões do “não” gostar.

Nas escolas da cidade, foi adotado o seguinte procedimento: na semana seguinte a apresentação voltou-se a escola com fotografias impressas e numeradas com atrações apresentadas (imagem 1: Duo acrobático; imagem 2: Malabarismo com bolinha; 3. Abelha, abelhinha; 4. O leão e a domadora; 5. Valsa dos palhaços; 6. Malabarismo com swing flags; e 7. Bambolês dançantes), que foram coladas em um grande cartaz. Com autorização da coordenação da escola, dirigiu-se as salas de aulas, entregando para cada criança um instrumento de pesquisa, que tinha questões sobre as apresentações.




Optou-se por utilizar perguntas objetivas, devido a faixa etária das crianças (cinco a oito anos). Responderam a esse instrumento 94 crianças, sendo 49 meninas e 45 meninos. Os resultados serão apresentados em dois grupos: as apresentações que eles mais gostaram e o número que eles gostariam de fazer.

As apresentações que eles mais gostaram:

Para conhecer quais foram as apresentações que eles mais gostaram, foi solicitado que cada um colocasse o número da fotografia cuja imagem representava essa apresentação, sendo que eles deviam escolher três apresentações, colocando em ordem de importância (Figura 2).

Figura 2 – A apresentação que você mais gostou.

Coloque em cada quadradinho o número de uma fotografia. No sol, você coloca a que mais gostou, na lua, o segundo lugar na sua preferência, e na estrela o terceiro lugar.

	<input type="text"/>
	<input type="text"/>
	<input type="text"/>

Fonte: Acervo do pesquisador (2024)

A apresentação que as crianças mais gostaram, somando as respostas das duas escolas, foi a reprise “Abelha, Abelhinha”, 36 crianças a indicaram. Entretanto, a escolha pelos palhaços não foi unanimidade, nas duas escolas, em uma das escolas houve um empate, as crianças apontaram o duo acrobático e o bambolê dançante como os números que mais os agradou. Tentando entender as razões, dessa diferença, voltamos as respostas, buscando verificar se existia correlação entre o gênero das crianças e as respostas obtidas (Quadro 1).

Quadro 1 – A apresentação que as crianças mais gostaram.

Número	Escola A		Escola B	
	Menino	Menina	Menino	Menina
Abelha, Abelhinha	5	5	11	15
Duo Acrobático	8	11	4	11
Bambolê Dançante	2	6	2	8

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Ao analisar os números não encontramos relação direta entre o gênero das crianças e a escolha do número “Abelha, Abelhinha”, especulamos que essa escolha se deu devido a comicidade da apresentação, contudo podemos afirmar que a escolha do número “Bambolê dançante” tem relação direta com o protagonismo feminino, enquanto no número cômico os palhaços eram todos masculinos, podemos observar na figura 2, o destaque dado a acrobata na apresentação, podendo ser observado no rosto das crianças.

Figura 3 – Encantamento.

Fonte: acervo do autor (2023)

Sobre o número que as crianças gostariam de fazer, se fizessem parte da apresentação, as respostas foram parecidas com as que foram ditas na

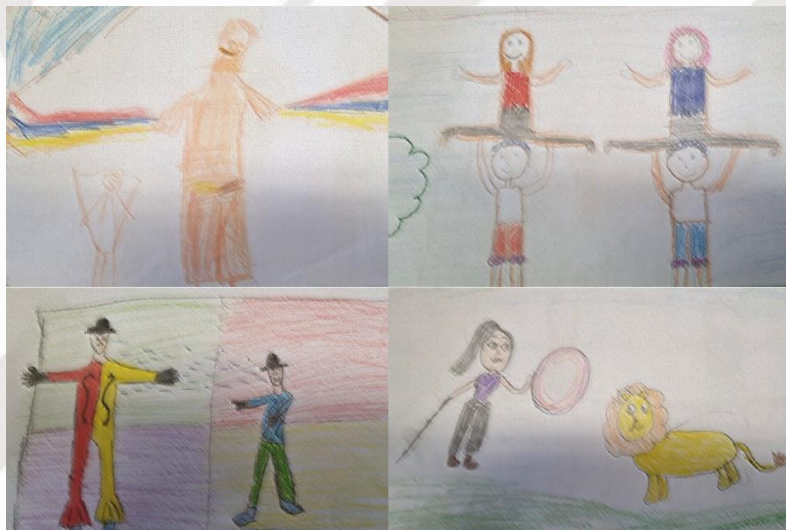
questão sobre o número que mais gostaram. Todas as apresentações foram citadas, mas os destaques foram para o número de palhaçaria e o dueto acrobático.

As razões para essas escolhas foram explicadas pelos próprios alunos, pois durante o levantamento das respostas, perguntamos quem escolheu o número “X”, como resposta as crianças levantavam as mãos, quando havia muitas respostas positivas, questionávamos as razões. Como apresentado no quadro 1, o número Abelha, abelhinha e o duo acrobático foram os que tiveram o maior número de mãos levantadas.

Sobre a reprise Abelha Abelhinha, a resposta dada pelos alunos das duas escolas para escolherem esse número, foi que eles gostariam de fazer a parte de dar o mel para o palhaço ingênuo, ou seja, cuspir na cara de outro colega. A vontade de realizar o número, é a possibilidade da transgressão de uma regra, sem que a criança seja advertida. Sutton – Smith (2017) em sua obra a ambiguidade da brincadeira, chama de comportamento lúdico ações realizadas por crianças, como pregar uma peça, semelhantes a que foi realizada na reprise.

Já sobre o duo acrobático, as respostas não foram uníssonas, para algumas crianças a exigência de força em alguns elementos foi a principal razão, pois eles queriam ser fortes como os portôs que levantavam as volantes, já para outro grupo o elemento central foi as acrobacias que eram realizadas, e por último o brilho dos figurinos também foi apontado como o motivo, uma das crianças verbalizou: “eu queria usar uma roupa bonita e brilhosa como a dela”.

Nas escolas das águas, foi pedido as crianças que realizassem um desenho da apresentação que eles mais gostaram. Foram realizadas 49 imagens, que representaram todos os números apresentados. Na figura 3, apresentamos um mosaico com alguns desenhos que as crianças fizeram.

Figura 4 – Encantamento.

Fonte: acervo do autor (2023)

Ao contrário do que aconteceu nas escolas localizadas na cidade, os desenhos expressaram todos os números apresentados, não houve uma apresentação preferida, os palhaços, o leão e a domadora, os acrobatas e malabaristas foram representados. Cada artista, cada número foram retratados com uma riqueza de detalhes, principalmente no que concerne ao figurino, o brilho nas roupas foi objeto de encantamento.

Considerações Finais

*Hora de ir embora
Quando o corpo quer ficar
Toda alma de artista quer partir
Arte de deixar algum lugar
Quando não se tem pra onde ir
(Chico Buarque)*

O projeto "O Circo vai à Escola" proporcionou uma experiência rica e multifacetada, evidenciando não apenas o encantamento proporcionado pela arte circense, mas também os aspectos sociais que a arte e educação cultural potencializa nas crianças e na comunidade em geral.

Ao longo das apresentações realizadas nas municipais de Corumbá (MS), ficou evidente que o circo, potencializa aspectos educacionais, sociais e pessoais, fundamentais para o desenvolvimento das crianças. O projeto demonstrou como o circo de estimula a imaginação e a criatividade das crianças, por meio das apresentações com acrobacias, malabarismos, números cômicos e as inúmeras interações que envolviam os espectadores o jogo proposto pelo artista, incentivando a construção de narrativas imaginativas e a experiência de novas possibilidades para além das convencionais. A conexão entre os acadêmicos-artistas e as crianças durante e após os espetáculos mostrou como o circo pode ser uma ferramenta eficaz para promover o diálogo intergeracional e possibilitar que novas experiências sejam exploradas por todos os envolvidos.

Além do que, o projeto ressaltou o valor da arte circense como uma potente aliada a educação. Ao apresentar as diferentes modalidades e técnicas circense, os acadêmicos-artistas não apenas fizeram com que o público experienciassem da arte, mas também transmitiram e mantiveram vivas as memórias milenares da arte circense. Além do que, essa experiência potencializada para as crianças, proporcionou o conhecimento e desenvolvimento de habilidades e expressões até então desconhecidas por elas.

A inclusão social e a quebra de barreiras geográficas proporcionadas pelo projeto foram outro ponto importante; ao levar o circo a escolas localizadas em áreas periféricas e alagadas do Pantanal, foi proporcionado o acesso à arte circense para crianças que talvez não tivessem oportunidades de experienciar de outra forma. Essa democratização foi fundamental para ampliar suas experiências e estimular o interesse pelas artes, promovendo a inclusão de comunidades diversas.

Além das crianças, o projeto também teve impactos para a comunidade acadêmica e para a própria sociedade. Os acadêmicos envolvidos no Coletivo “Los Pantaneiros” tiveram a oportunidade de experienciar os

conhecimentos teóricos em um contexto prático, desenvolvendo habilidades de comunicação, trabalho em equipe e gestão de projetos culturais. A comunidade local, por sua vez, teve acesso a espetáculos de qualidade e a uma experiência enriquecedora, fortalecendo os laços e rompendo os muros entre a universidade e a sociedade.

Assim, consideramos que o projeto "O Circo vai à Escola" foi além da apresentação circense, tornando-se um caminho potente para o desenvolvimento integral das crianças, a promoção da cultura e o fortalecimento dos vínculos comunitários. A continuidade e expansão de iniciativas como essa são essenciais para garantir o acesso à arte, a valorização da educação e o enriquecimento da vida cultural e social das futuras gerações, sendo passadas de maneira intergeracional.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Mônica Alves. **Saltimbancos contemporâneos: seu aprendizado, suas escolhas e expectativas**. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2018.

BOLOGNESI, Mário Fernando. O corpo como princípio. **Trans/Form/Ação**, v. 24, p. 101-112, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/LQYchD3VKm6gSx74MCWjNBy/?lang=pt> Acesso em 16 mar. 24.

BOLOGNESI, Mário Fernando. **Palhaços**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

HOCHMAN, Gerardo. El lenguaje de las hazañas humanas. In: INFANTINO, Julieta; SÁEZ, Mariana; SCIOLI, Clarisa Schwindt. **Pedagogias circenses: experiencias, trayectorias y metodologias**. Bueno Aires: Clubhem, 2021. Cap. 2. p. 43-62.

LOPES, Daniel de Carvalho; SILVA, Ermínia. Circo: percursos de uma arte em transformação contínua. **Cadernos do GIPE-CIT**, v. 1, p. 86-100, 2020.

SILVA, Erminia. "O novo está em outro lugar". In: **Palco Giratório, 2011: Rede Sesc de Difusão e Intercâmbio das Artes Cênicas**. Rio de Janeiro; SESC, Departamento Nacional, 2011, p. 12-21, 108p.

ROCHA, Gilmar. Anjos e pernas: a “moça de circo” no imaginário artístico brasileiro. **Visualidades**, Goiânia, v. 14, n. 1, 2016. DOI: 10.5216/vis.v14i1.35555. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/35555>. Acesso em: 16 mar. 2024.

ROCHA, Gilmar. O circo chegou!: memória social e circularidade cultural. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, v. 9, n. 2, 2012.

ZAIM-DE-MELO, Rogério; GODOY, Luís Bruno de; RIZZO, Deyvid Tenner de Souza; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Circo no pantanal: o ensino da arte em uma escola das águas. **Revista Educação em Debate**, n. 85, p. 75-92, 2021.

ZAIM-DE-MELO, Rogério; GODOY, Luís Bruno de; SANTOS RODRIGUES, Gilson. De universitários a “artistas”: a trajetória da trupe Los Pantaneiros no Pantanal Sul-Mato-Grossense. In: BARBOSA, Diocélio Batista; OLIVEIRA, Maria Carolina Vasconcelos (org.). **Circo e comicidade: reflexões e relatos sobre as artes circenses em suas diversas expressões**. Jundiá: Paco Editorial, 2021.

NOTAS

ⁱ Utilizamos o conceito de periferia para se referir tanto os bairros afastados do centro urbano, quanto as moradias nas áreas alagadas do pantanal. Nos dois casos são regiões habitada por população de baixa renda.

ⁱⁱ As escolas que ficam nas áreas alagadas da planície pantaneira são informalmente chamadas pela Secretaria de Educação de Corumbá de “Escolas das Águas” por se encontrarem em regiões de difícil acesso, quase sempre tendo um barco como principal meio de transporte para chegar a escola.

***Rogério Zaim-de-Melo** é doutor em Educação Brasileira – PUC-Rio, Professor Associado da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Docente dos cursos de Educação Física (Campus do Pantanal) e dos Mestrados em Estudos Fronteiriços (Campus do Pantanal) e Estudos Culturais (Campus de Aquidauana).

****Luís Bruno de Godoy** é doutor em Educação Física, Docente do curso de Ciências do Esportes da Faculdade de Ciências Aplicadas da UNICAMP.

Recebido em 30 de maio de 2024

Aprovado em 20 de novembro de 2024